



## **Um estudo sobre as vivências folclórico-musicais de alunos do ensino fundamental**

**Cristina Rolim Wolffenbüttel**

Mestre em Educação Musical pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Assessora na SMED-Porto Alegre e professora Adjunta na FUNDARTE/UERGS

**Resumo:** Este artigo constitui-se em um recorte da pesquisa de mestrado desenvolvida entre 2002 e 2004, junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada "Vivências e concepções de folclore e música folclórica: um *survey* com alunos de 9 a 11 anos do ensino fundamental". Na ocasião, foram investigados e analisados os aspectos musicais e o folclore encontrados nas vidas de alunos do II ciclo da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS (RME-PoA/RS). Neste recorte da pesquisa, apresento as informações relativas às vivências folclórico-musicais

**Palavras-chave:** Educação musical escolar. Folclore. Folclore na educação.

## ***A study on the folkloric-musical experiences of elementary school students***

**Abstract:** This article is a section of a Master's Degree research project developed between 2002 and 2004 at the Graduate Program in Music at the Federal University of Rio Grande do Sul, titled "Experiences and Conceptions of Folklore and Folkloric Music: a survey carried out with children between 9 and 11 years old attending elementary school". An investigation and analysis was made of the musical and folkloric aspects found in the lives of elementary school students attending Public Municipal Schools in Porto Alegre/RS (RME-PoA/RS). In this section of the study, I present the information concerning folkloric-musical experiences.

**Key words:** Musical education in schools. Folklore. Folklore in education.



A literatura da área de educação musical tem demonstrado uma preocupação crescente quanto ao conhecimento dos diversos aspectos que fazem parte da vida do aluno, com vistas a conhecer as concepções e as vivências de música que constituem o seu universo musical. Trabalhos como os de Arroyo (1990), Souza (1996, 2000), Oliveira (2001) e Tourinho (1993a), entre outros, têm buscado alternativas para diminuir o distanciamento existente entre o mundo cotidiano e o ensino musical escolar.

Um modo de relacionar a vida dos alunos ao ensino na escola, é considerar a sua cultura experiencial que, segundo Pérez Gómez (2001), é a

*peculiar configuração de significados e comportamentos que os alunos e as alunas elaboram de forma particular, induzidos por seu contexto, em sua vida prévia e paralela à escola, mediante os intercâmbios "espontâneos" com o meio familiar e social que rodeiam sua existência. A cultura do estudante é o reflexo da cultura social de sua comunidade, mediatizada por sua experiência biográfica, estreitamente vinculada ao contexto. (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 203).*

O folclore e a música folclórica, como formas de manifestação existentes na cultura, também podem fazer parte da cultura experiencial do aluno. Segundo Câmara Cascudo (1984), o folclore constitui-se num conjunto de variadas tradições das pessoas que vivem em sociedade, podendo fazer parte de suas vidas. A música folclórica, do mesmo modo, é uma das áreas de estudo do Folclore, permeando a criatividade de variados grupos sociais (LAMAS, 1992, p.15).

Os estudos sobre folclore e música folclórica têm crescido significativamente, com o intuito de resgatar e analisar fatos folclóricos de diferentes regiões brasileiras (CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 1999, p.224). Todavia, apesar do crescimento desses estudos, ainda são poucos os dados sistematizados sobre o que os alunos do ensino fundamental pensam e praticam de folclore e música folclórica em suas vidas diárias.

Diante disso, a presente pesquisa objetivou investigar vivências e concepções de folclore e música folclórica de alunos de 9 a 11 anos do ensino fundamental. Esse objetivo desdobrou-se em três questões norteadoras: a) a música folclórica está presente na vida dos alunos? b) em que âmbito das vidas dos alunos o folclore está inserido? c) quais as concepções que os alunos têm sobre folclore e música folclórica?

Para responder essas questões, selecionei como método de pesquisa o *survey* interseccional de pequeno porte. Esse método reúne dados sobre determinados fenômenos com vistas a descrever a natureza das condições existentes sobre os mesmos, bem como identificar padrões. Ao utilizar o método *survey*, busquei padrões dentre os dados

coletados, procurando relações entre os eventos específicos (BABBIE, 1999, p. 78).

Os alunos a serem investigados foram selecionados da seguinte maneira: inicialmente, foram identificadas as 52 escolas municipais de ensino fundamental existentes nas quatro regiões de Porto Alegre/RS. Em seguida, de toda a RME-PoA/RS, foram selecionadas as 26 escolas que oferecem o ensino de música em sua base curricular. Posteriormente, foram selecionadas quatro escolas, através do procedimento de amostragem aleatória, representando cada uma das 4 regiões em que está organizada a RME-PoA/RS: Escola Norte, Escola Sul, Escola Leste e Escola Oeste.

A RME-PoA/RS está estruturada em 3 ciclos de formação, sendo cada ciclo subdividido em três anos. Nesta pesquisa, optei pelo II ciclo, em função dos dados que obtive anteriormente em uma pesquisa com esta faixa etária (WOLFFENBÜTTEL, 2000a, 2000b).

De cada escola foi selecionado, também por amostragem aleatória, um aluno em cada um dos três anos que compõem o II ciclo, resultando 11 alunos para a pesquisa.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada, a qual possibilitou investigar as vivências e concepções dos alunos quanto ao folclore e à música folclórica, a partir de suas próprias perspectivas, através da escuta de suas falas.

Os dados obtidos foram analisados com base num referencial teórico constituído a partir de uma interlocução entre três perspectivas distintas, porém inter-relacionadas: o ensino escolar, o folclore e o folclore na escola.

O ensino escolar foi compreendido a partir dos quatro modelos de ensino apresentados por Pérez Gómez (1998). O *ensino como transmissão cultural*, o *ensino como treinamento de habilidades*, o *ensino como fomento do desenvolvimento natural* e o *ensino como produção de mudanças conceituais*. Além desses, Pérez Gómez propõe um outro modo de conceber o ensino escolar, tendo em vista o que ele aponta como carências dos modelos anteriores. A centralidade de sua idéia reside na concepção de que o ensino é uma forma de assimilação e reconstrução da cultura experiencial do aluno (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p.205).

O folclore foi compreendido tendo como base teorias e pesquisas realizadas por pesquisadores da área (ALMEIDA, 1971; BENJAMIN, 2002; CÂMARA CASCUDO, 1984; GARCIA, 2000; LIMA, 1985), respaldadas na visão de que o folclore é o conjunto de saberes populares que identificam as pessoas (GARCIA, 2000, p.16). Características tais como aceitação coletiva, funcionalidade, tradicionalidade e dinamicidade fundamentam os estudos de pesquisadores da área, além dos conceitos de folclorização, folclore nascente e reinterpretção.

A Carta do Folclore Brasileiro de 1951 e a Carta do Folclore Brasileiro de 1995 (CONGRESSO BRA-



SILEIRO DE FOLCLORE, 1999) foram utilizadas para fundamentar a perspectiva do folclore na escola, pois são os documentos que representam as idéias da Comissão Nacional de Folclore, bem como as concepções dos pesquisadores da área, tendo em vista os conceitos que definem folclore como ciência e como prática, bem como sua inserção na educação.

Com base nessas perspectivas, foi possível compreender os dados obtidos e, assim, encontrar respostas para as questões que orientaram esta investigação.

Os resultados dos dados foram analisados, sendo agrupados em cinco categorias: a) os alunos entrevistados; b) a educação musical nas escolas; c) vivências folclóricas e folclórico-musicais dos alunos; d) preferências musicais dos alunos; e) concepções dos alunos sobre folclore e música folclórica.

Passo, a seguir, a apresentar as vivências folclórico-musicais dos alunos, tecendo algumas análises.

#### Vivências folclórico-musicais

As vivências folclórico-musicais dos alunos apareceram em maior quantidade nos momentos lúdicos, principalmente durante a realização de brincadeiras acompanhadas de cantorias. Essas brincadeiras, para fins de análise, foram classificadas como brincadeiras com cantoria e brincadeiras sem cantoria. Deter-me-ei nas brincadeiras com cantoria.

Quanto às brincadeiras com cantoria, aquelas que envolviam as cantigas de roda foram as mais citadas. Dos 11 alunos entrevistados, 6 mencionaram brincar desse modo com seus colegas. Nessa categoria foram mencionadas cantigas como "Ciranda, cirandinha"; "Atirei o pau no gato"; "De abóbora vai melão"; "Caranguejo"; "Pezinho" e "Marcha soldado".

As cantigas de roda estão inseridas na roda cantada, constituindo-se em

*atividade lúdica que se caracteriza pela formação em círculo, na qual as crianças geralmente dão-se as mãos, deslocando-se para uma outra direção; simultaneamente, cantam uma música (a uníssono ou dialogada) que pode conduzir a uma ação coreográfica. (GARCIA; MARQUES, 1988, p. 13).*

As cantigas de ninar também apareceram com o mesmo número de indicações que as cantigas de roda. Seis alunos mencionaram utilizar as cantigas de ninar, particularmente o "Nana neném", para brincar. O faz-de-conta, associado às cantigas de ninar, também pode aparecer, quando os alunos utilizam-se de canções para embalar seu bebê imaginário.

Outra brincadeira com cantoria mencionada por 2 alunos entrevistados foi a capoeira. Segundo esses alunos, a capoeira ocorre normalmente durante os intervalos entre as aulas, ou mesmo fora

do ambiente escolar, quando se reúnem com amigos para brincar.

Um dos alunos entrevistados, ao comentar sobre a capoeira, demonstrou apreciá-la bastante, dizendo que teve a oportunidade de aprendê-la no ambiente escolar, mas fora do currículo oficial. É, portanto, uma atividade oferecida pela escola como complemento curricular. Esse aluno participava da capoeira há dois anos. Segundo ele, duas pessoas ministram as aulas de capoeira na escola, um instrutor e um mestre. Os encontros ocorrem duas vezes por semana, com uma hora de duração, no final da tarde. Quando lhe perguntei a respeito das canções que acompanham a prática do jogo, o aluno disse que existem várias cantigas, concordando em entoar duas que ele recordava no momento.

A primeira canção entoada pelo aluno entrevistado funciona como um canto responsorial. Os versos em negrito da canção "Salomé", apresentada a seguir, são entoados pelo mestre, e os demais, constituem-se repetição dos versos anteriores, os quais são entoados pelo instrutor e demais participantes. O jogo da capoeira desenvolve-se tendo como formação espacial uma roda.

*Salomé, Salomé, capoeira pra homem e também pra mulher/ Salomé, Salomé, capoeira pra homem e também pra mulher/ **Salomé, Salomé, minha mãe é Maria, meu pai é José/** Salomé, Salomé, minha mãe é Maria, meu pai é José/ **Canarin da Alemanha, quem matô meu curió?/ Canarin da Alemanha, quem matô meu curió?/ **Eu joga capoeira, mas meu mestre é melhor/ Eu joga capoeira, mas meu mestre é melhor.*****

A segunda canção, menos extensa, é sobre uma pomba. Todos os participantes da roda de capoeira cantam-na em uníssono, diferentemente da canção anterior.

*Pomba voou, pomba voou, pomba voou pra levá meu amor/ Pomba voou, pomba voou, pomba voou pra levá meu amor.*

À medida que relia as transcrições das entrevistas com os alunos, as quais contêm informações e descrições minuciosas sobre seus modos de brincar capoeira, também recordava das visitas realizadas às escolas. Fora das salas de aula havia uma riqueza de práticas sendo realizadas pelos alunos, inclusive a capoeira. Os alunos formavam vários grupos, cada um desenvolvendo o jogo a seu modo, apresentando algumas variantes. Poder-se-ia, por exemplo, utilizar essa diversidade cultural viva (BENJAMIN, 2002, p. 99) e presente naquele momento, objetivando diferentes estudos com os alunos, incluindo o musical. Além disso, na perspectiva do ensino educativo, com vistas à presença da cultura experiencial do aluno na sala de aula (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 205), essa seria uma abordagem



pedagógica em sintonia com visões do ensino relevante para os alunos (PÉREZ GÓMEZ, 1998, p. 61).

Em relação às demais brincadeiras com cantoria, apareceram o jogo de escoteiro, o paralelepípedo e o formulete cantado, cada brincadeira com a indicação de um dos alunos entrevistados.

Na brincadeira de escoteiro, os alunos divertem-se fazendo uma espécie de treinamento nas selvas, ou mesmo simulando diversos tipos de aventuras. Durante a brincadeira, segundo as entrevistadas, os alunos entoam uma canção que objetiva imitar um lobo, emitindo a vogal “u” prolongadamente. Apesar de o escotismo ser uma associação educativa instituída, com objetivos e organização definidas, e da qual o aluno entrevistado afirmou fazer parte, a brincadeira de escoteiro por ele relatada não era praticada em seu habitual espaço do escotismo, mas em outros ambientes e com outra função.

As brincadeiras inspiradas no escotismo podem ser analisadas tendo como base os conceitos de folclorização e de folclore nascente. Devido à grande aceitação quanto às práticas realizadas no escotismo, o aluno seleciona algumas que mais aprecia, praticando-as fora do contexto habitualmente utilizado. Essas práticas começam a se solidificar, tanto para o aluno praticante quanto para os seus colegas de brincadeira, ajudando a difundir-la. Pode ser, então, que aí esteja um fato folclórico nascente, que poderá vir a se folclorizar, caso ocorra a sua aceitação coletiva e a manifestação venha a cumprir sua função dentro do grupo lúdico. Somente o tempo poderá revelar se o escotismo, ou práticas dele oriundas, irão ou não se folclorizar. E, para isso, não se pode, tampouco, estipular um tempo cronológico limite (ALMEIDA, 1971, p. 30).

O jogo do paralelepípedo, outra brincadeira relatada por um dos alunos entrevistados, consiste em entoar uma canção e bater palmas de acordo com o seu ritmo. Um aluno entrevistado afirmou que costuma brincar com esse jogo, juntamente com seus amigos, durante os recreios escolares. A canção que deve ser entoada nessa brincadeira desenvolve-se a partir da consoante “p”, associada às vogais “a”, “i”, “u”.

*Pa-ra-ra, pa-ra-tchi, pa-ra-ra, pa-ra-tchi, pa-ra-ra-  
ra-ri-ri, pi-ri-tchi, pi-ri-ri, pi-ri-tchi, pi-ri-ri-ri/  
Pu-ru-ru, pu-ru-tchi, pu-ru-ru, pu-ru-tchi, pu-ru-ru-ru.*

O formulete cantado, exemplo de brincadeira relatada por um dos alunos entrevistados, é uma atividade que normalmente antecede uma brincadeira, de modo a auxiliar na escolha dos colegas que irão ter uma posição de destaque na atividade (GARCIA; MARQUES, 1989, p. 15). O formulete mencionado pelo aluno entrevistado é denominado de “Adoleta”. De acordo com as informações, é uma maneira de escolher quem vai ser o pegador na brincadeira de pega-pega. O colega no qual recaísse a

sílabas final seria o “pegador”. O aluno mencionou dois tipos de “Adoleta”. Um deles lembra um pouco a língua francesa: “Adoleta, le petite, le tomá, le café com chocolá, adoleta”. O outro tipo utiliza palavras da língua portuguesa: “Adoleta, puxa o rabo do tatu, quem cai fora é tu. É ta, é te, é ti, é to, é tu”. Na primeira “Adoleta”, o escolhido é aquele em que recaiu a sílaba “ta”, de “Adoleta”, e na segunda versão, é o que ficou com a sílaba final “tu”.

De um modo geral quanto às brincadeiras, percebi que a atividade lúdica ainda é uma prática bastante comum dentre as vivências dos alunos entrevistados. Nenhum dos alunos afirmou não brincar. Por mínimas formas de expressão de ludicidade, sempre havia a referência a alguma brincadeira ou jogo.

*Quando as crianças brincam, observa-se a satisfação que elas experimentam ao participarem das atividades. Sinais de alegria, risos, certa excitação são componentes deste prazer, embora a contribuição do brincar vá bem mais além de impulsos parciais. A criança consegue conjugar seu mundo de fantasia com a realidade, transitando, livremente, de uma situação à outra. Há uma ação psicofísica na consecução dos objetivos: no ato de brincar, a criança propõe-se a fazer algo e procura cumprir sua proposição (GARCIA; MARQUES, 1988, p. 11).*

No entanto, os alunos não mencionaram em suas respostas a utilização dessas brincadeiras, ou de outras manifestações lúdicas que eles praticam, no ensino escolar. Pelas suas respostas, infere-se que os momentos em que a brincadeira ou sua cultura lúdica experiencial aparece é somente nos recreios. Talvez uma visão de folclore como algo alheio ao ambiente escolar esteja permeando suas concepções.

Em geral, a partir da análise das respostas fornecidas pelos alunos, pareceu que as escolas não utilizam o potencial das práticas lúdicas dos alunos, como conteúdos em seus planejamentos, desconsiderando essa cultura experiencial (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 205). Além disso, em algumas ocasiões, as próprias vivências lúdicas dos alunos são proibidas de entrar nos ambientes escolares, tendo como justificativa questões relativas à organização e disciplina escolar.

A finalização desta pesquisa aponta para a necessidade de uma investigação junto aos professores, tendo em vista verificar quais as concepções que permeiam suas práticas pedagógicas, incluindo o folclore e o folclore musical. Além disso, os dados obtidos junto aos alunos investigados apontam para a relevância de uma interlocução entre o folclore e a educação musical. Uma investigação dessa natureza poderá contribuir para o fornecimento de dados com vistas à construção de alternativas de inclusão do folclore no ensino escolar.



## Referências:

- ALMEIDA, R. *Vivência e projeção do folclore*. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1971.
- ARROYO, M. Educação musical: um processo de aculturação ou enculturação? *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 29-43, 1990.
- BABBIE, E. *Métodos de pesquisas de survey*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.
- BENJAMIN, R. Folclore: cultura viva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 10., 2002, São Luís. *Catálogo*. São Luís: Comissão Nacional de Folclore: Comissões Estaduais de Folclore, 2002. p. 99-104.
- CÂMARA CASCUDO, L. da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 8., 1995, Salvador. *Anais...* Salvador: UNESCO: Comissão Nacional de Folclore, 1999.
- GARCIA, R. M. R. A compreensão do folclore. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Para compreender e aplicar folclore na escola*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore: Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2000. p. 16-21.
- GARCIA, R. M. R.; MARQUES, L. A. Braga. *Brincadeiras cantadas*. Porto Alegre: Kuarup, 1988.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Jogos e passeios infantis*. Porto Alegre: Kuarup, 1989.
- LAMAS, D. M. *A música de tradição oral (folclórica) no Brasil*. Rio de Janeiro, 1992. Edição do autor.
- LIMA, R. T. de. *Abecê de folclore*. 6. ed. São Paulo: RICORDI, 1985.
- OLIVEIRA, A. de J. *Música na escola brasileira: freqüência de elementos musicais em canções vernáculas da Bahia utilizando análise manual e por computador: sugestões para aplicação na educação musical*. Porto Alegre: ABEM, 2001.
- PÉREZ GÓMEZ, A. I. Ensino para a compreensão. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Compreender e transformar o ensino*. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 67-97.
- \_\_\_\_\_. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- SOUZA, J. O cotidiano como perspectiva para a aula de música: concepção didática e exemplos práticos. *Fundamentos da Educação Musical*, n. 3, p. 61-74, jun. 1996.
- \_\_\_\_\_. Cotidiano e educação musical: abordagens teóricas e metodológicas. In: SOUZA, J. (Org.). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre:

Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000. p. 15-57.

SOUZA, J. et al. *O que faz a música na escola?: concepções e vivências de professores do ensino fundamental*. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Avançados. In: TOURINHO, I. Seleção de repertório para o ensino de música. *Em Pauta*, Porto Alegre, ano 5, n. 8, p. 17-28, 1993a.

TOURINHO, I. Usos e funções da música na escola pública de 1º grau. In: FUNDAMENTOS da Educação Musical. Porto Alegre: ABEM, 1993, p. 91-133. (Série Fundamentos 1).

WOLFFENBÜTTEL, C. R. Resgatando o folclore na escola. In: GARCIA, R. M. R. et al. *Estudos de Folclore 1*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore: Novak Multimedia, 2000a. p. 34-50.

\_\_\_\_\_. A escola e o compromisso com o resgate da cultura. *Pátio: Revista Pedagógica*, Porto Alegre, ano 4, n. 14, p. 34-37, ago./out. 2000b.